

Narrativas de educadoras matemáticas e atravessamentos de gênero: transgressões e (des)construções

Tailine Audilia de Santi¹

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Heloisa da Silva²

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar, com enfoque nas questões de gênero, trajetórias profissionais de educadoras matemáticas do estado do Paraná. A pesquisa, conduzida por meio da metodologia da História Oral, explora narrativas de oito educadoras, investigando os desafios e enfrentamentos relacionados às marcas de gênero em suas trajetórias. Além disso, o estudo enfatiza o aspecto político da escrita da história, especialmente quando se considera o papel das educadoras na desconstrução de normas de gênero pré-estabelecidas. A pesquisa aborda a Educação Matemática da perspectiva histórica, destacando o papel das educadoras na construção e desconstrução de ideias de feminino e gênero nesse contexto. O conceito de gênero como categoria de análise histórica foi empregado nas análises. Com isso, espera-se contribuir para um entendimento mais abrangente sobre histórias individuais e coletivas de educadoras matemáticas. Com as narrativas orais, percebemos na história da Educação Matemática uma área com potencial para produzir transgressões, construir ou desconstruir ideias de feminino socialmente impostas.

Palavras-chave: Estudos de gênero; História Oral; História da Educação Matemática.

Narratives of women mathematics educators and gender crossings: transgressions and (de)constructions

ABSTRACT

This study aims to analyze, with a focus on gender issues, the professional trajectories of mathematics educators in the state of Paraná. The research, conducted using the Oral History methodology, explores narratives from eight educators, investigating the challenges and confrontations related to gender marks in their trajectories. Furthermore, the study emphasizes the political aspect of writing history, especially when considering the role of educators in deconstructing pre-established gender norms. The research approaches Mathematics Education from a historical perspective, highlighting the role of educators in the construction and deconstruction of ideas about feminine and gender in this context. The concept of gender as a category of historical analysis was used in the analyses. With this, we hope to contribute to a more comprehensive

¹Mestre em Educação Matemática (Unesp). Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação Matemática, Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), Unesp, Campus de Rio Claro, São Paulo, Brasil. Av. 16-A, 497, Jardim Bela Vista, Rio Claro, São Paulo, Brasil, CEP: 13506-720. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3056-3942>. E-mail: tailine.santi@unesp.br.

² Doutora em Educação Matemática (Unesp). Professora Assistente Doutora no Departamento de Matemática do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), Unesp, Campus de Rio Claro, São Paulo, Brasil. Endereço para correspondência: Av. 24-A, 1515, Departamento de Matemática - Unesp, Jardim Bela Vista, Rio Claro, São Paulo, Brasil, CEP: 13506-900. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6025-3275>. E-mail: heloisa.silva1@unesp.br.

understanding of individual and collective stories of mathematics educators. With oral narratives, we perceive in the history of Mathematics Education an area with the potential to produce transgressions, construct or deconstruct socially imposed ideas of feminine.

Keywords: Gender studies; Oral History; History of Mathematics Education.

Narrativas de educadoras matemáticas y cruces de género: transgresiones y (de)construcciones

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar, con enfoque de género, las trayectorias profesionales de educadores de matemáticas en el estado de Paraná. La investigación, realizada utilizando la metodología de la Historia Oral, explora narrativas de ocho educadoras, investigando los desafíos y confrontaciones relacionadas con las marcas de género en sus trayectorias. Además, el estudio enfatiza el aspecto político de escribir historia, especialmente cuando se considera el papel de los educadores en la deconstrucción de normas de género preestablecidas. La investigación aborda la Educación Matemática desde una perspectiva histórica, destacando el papel de los educadores en la construcción y deconstrucción de ideas sobre lo femenino y el género en este contexto. En los análisis se utilizó el concepto de género como categoría de análisis histórico. Con esto esperamos contribuir a una comprensión más integral de las historias individuales y colectivas de los educadores matemáticos. Con las narrativas orales, percibimos en la historia de la Educación Matemática un área con potencial para producir transgresiones, construir o deconstruir ideas de femenino socialmente impuestas.

Palabras clave: Estudios de género; Historia oral; Historia de la Educación Matemática.

INTRODUÇÃO

Após algum tempo do surgimento do feminismo, pairou um discurso de que estudos de gênero não eram mais necessários e que as mulheres já haviam conquistado todos os seus direitos. Entretanto, após mais de um século desde o que ficou conhecido como primeira onda feminista³, com um pouco de sensibilidade notamos que a humanidade se reparte em duas categorias de indivíduos, cujas roupas, corpos, sorrisos, atitudes, interesses, ocupações, papéis atribuídos a um ou outro gênero são manifestadamente diferentes. É notório que o binarismo, feminino e masculino, ainda se coloca em grande evidência em nossa sociedade no que tange ao gênero e à sexualidade. Simone Beauvoir problematizou isso e agora, mais de 70 anos depois, essas discussões permanecem atuais. A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele (Beauvoir, 2019). Tais aspectos são destacados em pesquisas atuais do campo da Educação Matemática envolvendo, por exemplo, análises de textos curriculares de matemática (Neto; Silva, 2021).

Igualmente, mesmo após mais de meio século do surgimento do movimento conhecido atualmente no Brasil como LGBTQIAPN+, cuja história advém de muitas

³ O que ficou conhecido como primeira onda feminista aconteceu entre o final do século XIX e o início do século XX. As principais causas de luta desse movimento estiveram relacionadas aos direitos políticos, à liberdade de escolha das mulheres e ao direito a desfrutar da vida pública. Foi durante essa época que se ergueu o *movimento sufragista* pelo direito ao voto das mulheres, que teve muita força no Reino Unido e nos Estados Unidos (Pinto, 2010).

histórias, de diferentes lutas, conquistas e transformações em diferentes espaços pelo reconhecimento da diversidade sexual e de gênero, ainda nos deparamos com pessoas enfrentando barreiras no engajamento nos mais diversos ambientes da sociedade – sobretudo preconceito e discriminação a mulheres jovens, trans e negras (Siqueira, Marcolino; Santos, 2021).

Em relação aos processos pedagógicos isso não é diferente, uma vez que ainda seguem modelos tradicionais e historicamente excludentes e discriminatórios. É mister ressaltar que no Brasil, esses movimentos e lutas sociais se fortaleceram, foram e continuam sendo responsáveis pela entrada das discussões sobre gênero e sexualidade no espaço público, ambientes escolares e universitários, sobretudo na primeira metade deste século (Gomes Filho; Silva, 2021). No entanto, tornam-se ainda necessárias produções de pedagogias outras, que se construam currículos outros, resistentes o bastante para fazer aparecer saberes diferentes de pessoas diferentes (Arroyo, 2017).

Se a discussão sobre gênero na Educação Matemática ainda era uma ‘novidade’ no final da década passada no Brasil (Souza; Fonseca, 2010), em uma pesquisa sobre a participação de pessoas LGBTQIAPN+ em investigações da área, Guse e Esquinhalha (2022) perceberam uma concentração de publicações somente a partir dos anos 2019.

Esse cenário mostra que gênero e sexualidade é um assunto que merece atenção em nossa área, sobretudo quando a Base Nacional Comum Curricular criada e publicada no país, em pleno 2017, o desconsidera como tema transversal contemporâneo.

Nesse panorama, a pesquisa cujo alguns resultados apresentamos neste texto foi guiada pela seguinte questão: Qual ideia de feminino a educação matemática ajudou a construir ou desconstruir? Um dos objetivos dessa pesquisa foi, sob uma perspectiva histórica, tecer compreensões sobre os significados produzidos por educadoras matemáticas em suas narrativas sobre suas vivências e enfrentamentos em suas trajetórias profissionais em relação às marcas de gênero. Nessa direção, discutimos como transgressões e (des)construções confirmam parte de nossas compreensões sobre tais trajetórias.

A metodologia empregada foi a História Oral na produção e tratamento de entrevistas com educadoras matemáticas do Paraná, um estado que teve influência significativa de mulheres na construção da Educação Matemática como campo de investigação. Como destacou Guardia (2005), a avaliação das experiências femininas e revisão dos modelos que afetam os diversos grupos sociais, incluindo fatores que

impactam as mulheres, requer novas perspectivas historiográficas. Nesse sentido, a História Oral emerge como uma metodologia significativa, permitindo a valorização das experiências das mulheres ao adotar abordagens alternativas para a história.

Na sequência, apresentamos o conceito de gênero mobilizado na pesquisa, os procedimentos metodológicos implementados e, por fim, uma análise e discussão dos atravessamentos de gênero presentes nas histórias narradas pelas educadoras matemáticas entrevistadas.

GÊNERO E ANÁLISE HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Joan Scott (1995) destaca a emergência recente das discussões de gênero que ganharam impulso, a partir de 1975, com o trabalho de feministas norte-americanas. As discussões sobre gênero, frequentemente associadas a estudos sobre classe e raça, incorporaram a análise das opressões vivenciadas por grupos marginalizados (Scott, 1995). Louro (1995) complementa que a construção de gênero, classe e raça é interdependente e moldada pela sociedade.

A definição de gênero proposta por Scott (1995) percebe-o como constitutivo das relações sociais entre sexos e elemento primordial na dinâmica de poder. Com base nessa ideia constituída no seio das relações sociais, a autora elenca que quatro elementos se inter-relacionam: o primeiro diz sobre os símbolos produzidos que evocam relações simbólicas sobre gênero, muitas vezes contraditórias; o segundo trata dos conceitos normativos oriundos de doutrinas religiosas, científicas, educativas, entre outras, que nos conduzem a interpretações de significados dos símbolos; o terceiro aborda as instituições e organizações sociais e econômicas que são permeadas pelo papel que elas desempenham, carregando o aspecto político que o debate sobre gênero suscita; e, por último, o caráter subjetivo, pois é preciso que se examine “[...] as formas pelas quais as identidades generificadas são substantivamente construídas e relacionar seus achados com toda uma série de atividades, de organizações e representações sociais historicamente específicas” (Scott, 1995, p. 88). Esse último elemento aponta o modo como deve ser encarado o papel do historiador, pois o gênero “[...] fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana” (Scott, 1995, p. 89). É a partir de uma busca feita pelo historiador que se pode notar a maneira como o conceito de gênero tanto legitima como constrói as relações sociais (Scott, 1995).

Joan Scott diz ainda que, ostensivamente, a escrita da “história tradicional” privilegiou certos aspectos da esfera social, universalizando o devir histórico e impondo à história uma cultura etnocêntrica e patriarcal (Scott, 2008). Assim como afirma Joana Pedro, a “forma de escrever a história, costumeiramente chamada de “positivista”, ou às vezes “empirista”, dava destaque a personagens, em geral masculinos [...]” (Pedro, 2005, p. 83). Virginia Woolf em sua obra “Um teto todo seu”, de 1929, dedicada a refletir sobre a mulher e a literatura, deixou em evidência seu posicionamento sobre a prática historiográfica em relação às mulheres. Woolf (2004) apontou a tendência da historiografia de seguir uma postura parcial e insuficiente, elucidando seu perfil masculino e excludente. Na França, vinte anos depois, em 1949, temos a obra de Simone de Beauvoir, “O Segundo Sexo”, em que ela afirma categoricamente a “incompletude” da história, pois, embora ela não pretendesse preconizar um ou outro sexo e objetivava uma escrita de forma “universal”, na realidade desconsiderava parte da humanidade.

Para as mulheres “entrarem para a história” (Scott, 1995) tiveram que construir (e ainda constroem) seu espaço com árduas lutas no campo acadêmico, profissional, político etc., desconstruindo as tradicionais formas da escrita da história. Não somente serem incorporadas às histórias pré-existentes, como uma “história compensativa”, mas serem inscritas em uma *nova história*.

Como afirmou a historiadora Pedro (2005), a História das Mulheres não pretende ser a história da outra parte da humanidade. Essa autora ressalta que a História não é apenas meio de registro, mas constitui uma narrativa não neutra sobre a trajetória dos homens. Assim, produz a diferença sexual e constrói gênero (Pedro, 2011). Conforme a autora:

A história, nesse caso, é uma narrativa sobre sexo masculino e constitui o gênero a definir que somente, ou principalmente, os homens fazem história. Além disso, falar de gênero significa deixar de focalizar a “mulher” ou as “mulheres”; trata-se de falar de relações entre homens e mulheres, mas também entre mulheres e entre homens. Nessa relação, o gênero se constituiria (PEDRO, 2011, p.273).

Além disso, conforme nos diz Tedeschi (2015), os modos oficiais de produção historiográfica atuaram como uma ferramenta de poder, dominação e de justificação de estruturas existentes, fundamentadas em ideologias que estão a serviço do masculino. Dessa maneira, foram trazidos para debate temas muitas vezes marginalizados pela historiografia, tais como as questões de gênero e étnico-raciais, entre tantos outros temas

em interseccionalidade considerados polêmicos demais para serem acadêmicos. Assim, emergem silenciados/as que foram participantes da história, mas foram ocultados muitas vezes, tendo sido apresentados/as de forma intencional em anonimato, atuando como coadjuvantes para os historiadores que seguem uma historiografia tradicional (Tedeschi, 2015).

Sara Beatriz Guardia nos diz que “a reconstrução do passado feminino supõe uma mudança de paradigma, reformular as categorias de análise histórica e, portanto, reescrever a história de uma alternativa de oposição com novos modelos interpretativos” (Guardia, 2005, p.20). É nessa perspectiva que a nova historiografia significa uma nova avaliação de experiências femininas por meio de novas maneiras de abordar a história junto à revisão modelos que permeiam todos os grupos sociais e os fatores diferenciais que afetam as mulheres (Guardia, 2005).

Corroborando tais referências, elucidamos que nosso intuito não é colocar em pauta a questão da “verdade” de uma história (nos modos tradicionais), mas dar espaço para histórias, no plural. Não como um adendo à história geral, mas sob um novo paradigma que não concebe uma história que seja totalitária e imutável, mas uma história que permanece aberta a *novas histórias* ou *histórias outras*.

Scott (1995) destaca que o/ historiador/a tem um papel crucial, pois o gênero desvenda a complexa teia de interações humanas e construções sociais. Nesse contexto, destacamos a importância de se adotar abordagens metodológicas que ampliem a discussão de gênero, considerando o seu aspecto político na escrita da história da educação matemática.

A História Oral é representativa dessa nova história. Para muitos estudiosos/as, há politização do conhecimento construído a partir da História Oral, visto que os documentos criados muitas vezes trarão narrativas antes marginalizadas pela historiografia oficial para o centro dos debates sobre grandes temas contemporâneos (Pedro, 2011; Tedeschi, 2015). Nesse âmbito, emerge amplamente a consideração das subjetividades presentes nas histórias de vida e, ainda, questões de ordem epistemológica sobre a própria natureza subjetiva do conhecimento produzido por sujeitos e comunidades em determinados contextos históricos.

O relato oral na ótica de gênero constitui um objeto de uso coletivo que abre a possibilidade de visibilidade de histórias, opiniões, expressões, sentimentos e de crítica em espaços nos quais a história oficial não existia. Uma das defesas do uso da História Oral como metodologia de pesquisa qualitativa é que essa possibilita a escuta daqueles

que – na escrita tradicional da história – não são normalmente escutados (Portelli, 2010). As fontes orais permitem que as subjetividades participem do domínio científico e não a utilização dessas somente em caso de inexistência de outras fontes. É sobre essa metodologia que trataremos a seguir, abordando sobre os procedimentos utilizados e o modo como ela foi empregada nesta pesquisa.

METODOLOGIA

Na pesquisa que fundamenta esse texto, as entrevistadas foram selecionadas a partir de um levantamento de docentes dos cursos de Licenciatura em Matemática e de Pós-graduação em Educação Matemática no estado do Paraná, bem como de análises de currículos da Plataforma Lattes (CNPq). Consideramos educadoras que tiveram impacto direto no desenvolvimento do Movimento da Educação Matemática no Paraná. O critério de rede⁴ foi também adotado durante o processo de seleção das oito educadoras entrevistadas. Foram elas, pela ordem em que as entrevistas aconteceram: Maria Tereza Carneiro Soares, Clélia Maria Ignatius Nogueira, Regina Luzia Corio de Buriasco, Regina Maria Pavanello, Ettiène Cordeiro Guérios, Neuza Bertoni Pinto, Márcia Cyrino e Célia Finck Brandt. As sete primeiras entrevistas foram presenciais, entretanto, devido à pandemia de Covid-19, a entrevista com a professora Célia Finck foi realizada de maneira remota.

A abordagem metodológica adotada baseia-se nos pressupostos defendidos pelo Grupo História Oral e Educação Matemática (Ghoem). Conforme Garnica, Fernandes e Silva (2011), a História Oral é utilizada para criar fontes historiográficas, permitindo diversos métodos analíticos e estudos pautados, muitas vezes, nos limites impostos pelas subjetividades. Inicialmente, conforme esses pressupostos metodológicos, encaminhou-se as cartas-convite para as professoras participarem da entrevista. As entrevistas foram áudio-gravadas e, posteriormente, transcritas. As transcrições retêm a autenticidade das entrevistas, capturando pausas, emoções, reações e aspectos ambientais (Portelli, 1997).

Em seguida, foram realizadas as textualizações, que consistem em um processo de rearticulação discursiva intencionalmente realizada pelo pesquisador por meio do texto gerado pela transcrição (Garnica, 2008). Após essa etapa, as textualizações foram

⁴ Esse critério, também chamado bola de neve, se dá quando uma pessoa indica ao pesquisador nomes de possíveis pessoas que atendem os critérios de seleção dos entrevistados para a pesquisa e/ou quando, durante as entrevistas, os próprios entrevistados indicam/citam outras pessoas que atendem ao perfil de entrevistados da pesquisa.

enviadas para cada uma das educadoras para verificarem e sugerirem as últimas correções ou inserções na versão final publicada no trabalho de pesquisa. Como última etapa assinaram a carta de cessão – procedimento ético pertencente à pesquisa, sendo esse é um documento que permite que as textualizações fiquem sob a custódia da pesquisadora e do grupo de pesquisa. Esse tem sido um procedimento comum no Ghoem – que investiga há 20 anos essa frente de pesquisa. Todos os nossos documentos gerados a partir de entrevistas foram elaborados em parceria com nossos/as entrevistados/as, e essas cartas de cessão de direitos são incluídas em nossas teses e dissertações.

Para aprofundar a compreensão das trajetórias das educadoras matemáticas e das nuances que permeiam suas experiências, esta pesquisa utilizou a análise narrativa de narrativas proposta por Bolívar (2002). Essa lente analítica nos permitiu desvelar as conexões entre gênero e classe social nas experiências das educadoras matemáticas, possibilitando uma análise sensível e aprofundada das maneiras pelas quais essas mulheres desafiaram normas sociais e contribuíram para a Educação Matemática.

ATRAVESSAMENTOS DE GÊNERO EM TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS DE EDUCADORAS MATEMÁTICAS

Nesta seção, examinaremos as narrativas das educadoras matemáticas, focando em como elas desafiaram estereótipos de gênero e normas sociais para contribuir na construção e desconstrução de ideias de feminino na Educação Matemática. Em seguida, exploraremos os desafios enfrentados por essas educadoras ao conciliar os papéis de esposa, mãe e professora, e como suas trajetórias foram influenciadas pelo contexto histórico e social. Com base em trechos das entrevistas, discutiremos a interseção dessas experiências com as questões de gênero presentes na história da Educação Matemática.

Construções e desconstruções de ideias de feminino

No seguinte relato, Neuza Bertoni Pinto narra como no início de sua carreira idealizava a figura da professora como uma missionária abnegada. Ela conta que, ao longo do tempo, foi percebendo como a profissão estava romantizada, indicando uma desconstrução das ideias preconcebidas sobre a profissão.

Neuza Bertoni Pinto: *O sentido profissional só foi chegando depois, quando já estávamos exercendo o magistério, foi aí que eu me despertei. Eu lembro que*

quando eu me formei, minha mãe assinava aquela revista Vida Doméstica⁵, se não me engano, ou mais provável na revista também assinada por ela, “O Cruzeiro”⁶, muito popular naqueles tempos. Só sei que arranquei uma folha que falava da professora, que ela era uma missionária, uma mulher ideal, que estava sempre com o coração repleto de amor para dar para as crianças, mas com os bolsos sempre vazios. Essa coisa de idealismo, que a professora nunca ficaria rica, ela sempre seria uma pobre e abnegada missionária. Eu era tão ingênua que eu guardei aquela folha da revista por muito tempo por achar lindo o que nela estava escrito. Não possuo mais esta página, mas me lembro de tê-la retirado da revista para guardar, porque achei o texto lindo, maravilhoso. Hoje vejo o quanto a profissão estava romantizada. Então, a gente se vestia um pouco desse espírito de missionária [risos] (In: Santi, 2021, p. 212).

As páginas das revistas dessa época, muitas delas escritas por homens e direcionadas para mulheres, que tratavam de “assuntos femininos”, nos levam ao encontro das ideias sobre a diferença sexual predominante. *Jornal das Moças, Querida, Vida Doméstica, Feminina, A Cigarra, Você*, as seções *para mulher* de *O Cruzeiro* traziam imagens femininas e masculinas, o modelo de família – branca, de classe média, nuclear, hierárquica, com papéis definidos, regras de comportamentos, opiniões sobre sexualidade, casamento, profissões para mulheres, moldes de ser professora, entre tantas outras coisas (Bassanezi, 2000). Essas imagens, mais do que refletir um aparente consenso social sobre a moral e os bons costumes, promoviam os valores de classe, raça e gênero dominantes na época. As revistas influenciaram ideias de mulheres de classe média de seu tempo. Essa representação de professora fabricou e reforçou um caráter de doação de si com o intuito de *desprofissionalizar* a atividade docente (Louro, 2000).

Maria Tereza compartilha sua experiência pessoal sobre como suas escolhas acadêmicas foram influenciadas por fatores emocionais, de segurança e familiares. Inicialmente, ela tinha o desejo de seguir a carreira em Engenharia Civil, mas também se inscreveu no vestibular para Matemática, que era sua verdadeira paixão. A pressão social, inclusive do namorado, a levou a tomar uma decisão difícil entre as duas opções. Na narrativa nos pareceu naturalizado para a época, porque, afinal, poderia ser uma sobrecarga.

⁵ No Rio de Janeiro, em março de 1920, foi instituído o periódico, “Vida Doméstica”, voltado para a mulher e o lar. Essa revista foi fundada pelo jornalista Jesus Gonçalves Fidalgo, repórter fotográfico do Jornal do Brasil e da Revista da Semana. O periódico somava-se a outros cujo público-alvo era a mulher, tais como a Revista Feminina (1914), o Jornal das Moças (1914) e A Cigarra (1913). Para maiores informações, ver: CARDOSO, E. B. Entre o tradicional e o moderno: os femininos na revista Vida Doméstica. Gênero. Niterói, v. 9, n. 2, p. 103-134, 1. sem. 2009.

⁶ O Cruzeiro foi uma revista semanal ilustrada brasileira, lançada no Rio de Janeiro, em 10 de novembro de 1928, editada pelos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. Para maiores informações, ver: CAMPOS, D. Q. Um fazer imagem: a produção gráfica da revista O Cruzeiro. Diálogos v. 20 n. 1. 2016. 102-116.

Maria Tereza Carneiro Soares: *A minha busca pela área da Matemática, no primeiro momento, se deu pelo meu desejo em fazer Engenharia Civil [...] quando fiz vestibular para Engenharia Civil na Federal, passei. Mas, naquele mesmo período, também tinha o vestibular para a Pontifícia Universidade Católica, a PUC. E eu recebi dinheiro da minha mãe para fazer a inscrição e ela queria que eu fizesse para Medicina. Por que? Porque ela achava que, como eu estava namorando um menino que fazia Medicina, era bom que eu fizesse também. Mas eu peguei o dinheiro, fui lá e fiz para Matemática. E [passei] tanto na Engenharia quanto na Matemática e comecei os dois cursos. Então, eu fazia Engenharia de dia e fazia Matemática à noite. Eu fui uma semana para a aula da Engenharia. Nessa época, eu tinha 16 para 17 anos. E o meu namorado [...] disse para mim: “Engenharia você não vai fazer não, ou eu ou a Engenharia”. Eu disse surpresa: “Como assim, Engenharia não?”, “Não, não, não vai” – ele insistiu. E o que eu fiz? Eu desisti da Engenharia e só fiz Matemática. Então, estou contando, assim, essa parte com detalhes, para você perceber esta forma como a gente recebe as influências, que não são somente cognitivas, elas são emocionais, são de segurança, são de uma série de fatores. Uma insegurança, às vezes, familiar, nos leva a fazer determinadas opções. E, na época, eu sofri bastante por não fazer Engenharia (In: Santi, 2021, p. 54).*

Essa narrativa destaca como as mulheres enfrentaram desafios ao escolher carreiras que, na época, eram consideradas mais "apropriadas" para homens, como a Engenharia. Maria Tereza hoje tem uma ideia de que isso foi uma questão patriarcal, mas naquele momento parecia muito natural para ela. A narrativa de sua vida revela uma percepção, em grande medida durante o processo narrativo, de se ver como mulher vivendo em um sistema patriarcal, desnaturalizando alguns aspectos anteriormente naturalizados (Santi, 2021).

A Clélia, por sua vez, esteve envolvida em negociações. Ela precisou ficar noiva de uma pessoa que ela não era apaixonada, como ela disse, mas teve que fazer isso para poder estudar e sair de casa. E quem negociou com o pai para deixá-la sair foi o irmão:

Clélia Maria Ignatius Nogueira: *Ser mulher tem influência na minha escolha pelo magistério. Desde a formação inicial eu queria fazer outra coisa, apesar de que eu gostava muito de matemática. Mas eu sabia que o meu pai, por exemplo, não me deixaria sair para estudar fora, mas o meu irmão saiu. Então, dentre as possibilidades que eu tinha para estudar na minha cidade, a matemática foi a que mais me satisfez. E meu pai era muito bravo, então eu como mulher era muito difícil. Eu quando senti que só ia me livrar do meu pai casando, fiquei noiva de um rapaz muito legal, mas eu não era apaixonada por ele. E foi quando aconteceu essa indicação do meu professor para eu ir para São Carlos, então meu irmão convenceu meu pai que era melhor me deixar estudando lá fazendo mestrado do que ir para um casamento que não iria dar certo. E meu pai deixou. Então, eu conheci o João e tudo se encaixou. Casei com um rapaz que é muito mais feminista do que eu [risos], ele sempre me impulsionou, me mandou para frente (In: Santi, 2021, p. 115).*

A narrativa descreve a influência do gênero nas escolhas acadêmicas e profissionais de Clélia. Como ela disse, seu pai não a deixaria sair de casa, mas seu irmão

saiu. Ela nos diz sobre como ser mulher teve influência sobre a escolha da sua profissão. Destacamos que essas mulheres fizeram um movimento possível com as condições que lhes foram dadas (Santi, 2021). Essa história ressalta a complexidade das escolhas e decisões das mulheres no contexto histórico e social em que viviam, evidenciando as nuances das transgressões realizadas por mulheres privilegiadas que buscaram uma vida além das expectativas tradicionais.

Regina Pavanello: *E a gente está vendo uma feminização do magistério, que fala de toda essa questão que está por trás de ser mulher. É engraçado que quando eu comecei a trabalhar era mais ou menos equilibrado entre homens e mulheres, como professores e tudo mais [...] no primário sempre foi mais mulheres do que homens, obviamente. [...] Mas com essa história da diminuição do ganho do professor que eu te contei, o que aconteceu, a profissão se tornou cada vez mais feminina, certo? Secundária [...]. Até o último ano que eu dei aula em sala de aula nós tínhamos colegas homens, mas aos poucos a profissão já não era mais interessante para o chefe de família, porque era mais comum que os homens fossem chefes de família. Então, eles acham que a mulher não é chefe de família, porque, supostamente, já tem um homem que é. Assim, a mulher pode ganhar menos, mas o homem não pode, porque ele precisa de salários maiores, já que ele é o meio de sustento da família. E tudo bem se uma professora ganhar pouquíssimo, porque, veja, ela tem marido⁷ [risos]. É absurdo. Só que tem muita mulher hoje e tinha muita mulher antigamente que era chefe de família! Entende? (In: Santi, 2021, p. 159-160).*

Neste trecho, Regina Pavanello discute a feminização do magistério na Educação e observa que ao longo dos anos a profissão se tornou cada vez mais feminina. A secundarização da profissão docente não se limita ao incremento da proporção de mulheres no corpo discente, docente ou profissional. Antes disso, deve ser lida desde a perspectiva de gênero, como fruto de modelos que configuram a forma de ser e fazer de homens e mulheres em sociedade e que foram construídos socialmente (Scott, 1995). Conforme nos diz, Demartini e Antunes (1993), eram os baixos salários existentes que afastavam os homens dessa profissão, uma vez que, para eles, havia outras oportunidades e melhores perspectivas de trabalho. Ao trazer à tona essas questões, Regina ressalta a importância de reconhecer e combater os estereótipos de gênero que ainda influenciam a percepção e valorização das mulheres na área da Educação (Matemática).

Pensando a Educação Matemática como um espaço de transgressão, Regina Buriasco e Márcia Cyrino em seu testemunho nos dizem sobre seus enfrentamentos na profissão, quando ocupavam cargos mais hierárquicos, e a dificuldade em ser mulher

⁷ Neste momento, Regina faz referência a uma frase dita pelo então governador de São Paulo, Paulo Maluf, em relação às professoras.

quando se deparava com a resistência dos homens, que eram a maioria nesses cargos mais altos:

Regina Luzia Corio de Buriasco: *Bom, sobre se encontrei ou não dificuldades na profissão, em ser mulher, quando a gente fez a elaboração do currículo básico, às vezes nas discussões que se faziam pelo estado, na época que havia Inspetorias de Ensino, porque havia o Núcleo de Educação (regional) e depois as Inspetorias de Educação (municipal), eu percebi alguma resistência dos homens diretores de escola por eu ser mulher, mas para te falar a verdade eu nunca dei muito espaço para isso. E eu fui para a educação porque eu queria* (In: Santi, 2021, p. 140).

Márcia Cyrino: *Eu sempre soube dos preconceitos existentes, isso se evidencia muito no MEC, na CAPES, também, porque a gente tem algumas pessoas que ainda olham a mulher muito diferente. Aconteceram situações em que a fala de uma mulher não era considerada. Por exemplo, vi o diretor de avaliação da CAPES, após a fala de uma coordenadora, dizer: “Ah, você já terminou de falar? Então, o próximo”. Às vezes nem esperavam a pessoa terminar de falar. Era assim que faziam com as coordenadoras nas reuniões da CAPES* (In: Santi, 2021, p. 238).

As trajetórias de Regina Buriasco e Márcia Cyrino ilustram como a construção social da profissão docente pode ser fortemente influenciada pelas normas de gênero, moldando as escolhas e os caminhos percorridos pelas mulheres na área da Educação Matemática. Nesse contexto, a narrativa de Regina Buriasco ganha destaque ao ser analisada sob um olhar de estudos de gênero, ressaltando seu papel na desconstrução de estereótipos e sua significativa contribuição para a promoção da igualdade de gênero no âmbito educacional. O excerto que apresenta a experiência de Márcia Cyrino traz à tona uma discussão relevante sobre os preconceitos de gênero presentes em instituições acadêmicas e de pesquisa, como o MEC (Ministério da Educação e Cultura) e a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Márcia evidencia como, mesmo em ambientes que deveriam ser acadêmicos e profissionais, as vozes das mulheres podem ser preteridas, expondo as persistentes dinâmicas de poder desiguais e estereótipos de gênero arraigados.

A participação das mulheres na instituição da SBEM-PR é marcante e foi imprescindível. Foram elas que estavam à frente deste movimento e que acompanharam de perto a constituição da Educação Matemática no estado do Paraná, alavancando a sua construção, promovendo eventos, elaborando projetos, instituindo cursos de Pós-graduação em Educação Matemática. Na criação da SBEM regional no Estado do Paraná, inúmeras mulheres estiveram envolvidas nesse processo. Ettiène e Maria Tereza foram

uma delas, e tiveram muitas outras, conforme Ettiène relata. Ela foi, inclusive, a primeira presidente da SBEM – PR:

Ettiène Cordeiro Guérios: *E a minha relação e minha vida com a Educação Matemática é muito forte, porque eu participei desde o início em movimentos da educação matemática. Eu participei desde as primeiras ideias da constituição da SBEM, por exemplo. Desde as primeiras ideias, desde os primeiros momentos, eu estava lá. Eu tive a felicidade de ter participado da criação da SBEM nacional e da SBEM Paraná. [...] Agora, a SBEM do Paraná eu sou inclusive a primeira presidente. Olha que delícia! Fui a primeira diretora, depois participei de outras diretorias. E enquanto eu for útil para a SBEM eu estarei por aqui (In: Santi, 2021, p. 190).*

O impacto do desenvolvimento do campo da Educação Matemática no estado do Paraná, impulsionado por várias das professoras entrevistadas aqui, consistiu no surgimento de cursos, programas de pós-graduação, eventos, como o Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM), a criação da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) e a criação da SBEM regional.

Conciliação de Papéis: esposa, mãe, educadora matemática e pesquisadora

Consideramos importante trazer esse excerto de Neuza Bertoni Pinto para contextualizar e introduzir a discussão sobre a conciliação dos cuidados do lar, a relação entre ser professora e ser mãe, e as implicações que essas expectativas tinham na trajetória profissional das educadoras matemáticas:

Neuza Bertoni Pinto: *Os papéis de professora e mãe pareciam estar atrelados. Preparava-se para além do magistério, para o papel de mãe, a função de professora se misturava com a de mãe. [...] Então, em relação ao papel da mulher, ali nós estávamos nessa condição de nos formar professoras, casar, ter filhos[...] A profissão ficava muito próxima do papel de ser mãe, por isso que há certa mistura de papéis atribuídos à professora e à mãe. [...] Com essa questão do papel da mulher, era criada uma idealização com a figura de missionária, entendeu? Como se você fosse uma pessoa altruísta, missionária e desinteressada pelo salário [...]. Era como se fosse uma vocação. O papel da professora era como um sacerdócio (In: Santi, 2021, p. 212).*

O trecho nos mostra como a educação e a formação das mulheres na época incluíam preparação para atividades domésticas e como essas questões estavam entrelaçadas com a profissão docente. Neste contexto, características supostamente femininas passaram a ser pré-requisito para o exercício da docência: paciência, minuciosidade, afetividade, doação, reforçando e produzindo uma ideia de que a docência deve ser percebida mais como sacerdócio do que como uma profissão (Louro, 2000).

Ettiène Cordeio Guérios: *Eu acho que ser mulher, para mim, não interferiu em nada. O que foi vantajoso sem dúvida alguma no Magistério, foi o fato de “facilitar” eu ser mulher e eu ser mãe ao mesmo tempo. E amar ser mãe. Ser mãe foi sempre uma delícia. Isso me facilitou, porque a carga horária facilitou, podia escolher períodos, turnos. Tanto é que trabalhei a vida toda a noite e durante uma parte do dia eu podia ser mãe. Essas coisas assim, poder sentar com meus filhos para tomar lição deles, repetir histórias familiares, que eu repetia isso, rigorosamente. Acho que talvez por eu ser mulher e ter feito escolha... Não foi uma escolha para mim a profissão, foi uma determinação mesmo. Eu acho que isso facilitou eu ser mãe. Mas não o contrário (In: Santi, 2021, p. 197).*

Ettiène menciona que ser mulher lhe proporcionou vantagens em relação à conciliação da maternidade com a carreira de professora. A flexibilidade da carga horária permitiu que ela fosse mãe e se dedicasse aos filhos. Ettiène reforça que ser professora ajudou a exercer o papel de mãe, mas não que ela escolheu essa profissão para poder ser mãe. É importante observarmos que não havia (talvez ainda não haja) outras profissões que ajudassem (ou ajudem) a mulher a também exercer o papel de mãe – o de professora ajudava, porque esses papéis estavam intimamente associados (Perrot, 2019; Louro, 2000). Conforme nos diz Louro (2000), percebemos que as histórias de muitas professoras têm sido construídas no espaço privado.

No seguinte trecho, Célia Finck Brandt destaca a sua dificuldade em ser professora, principalmente devido ao fato de ser mulher. Ela enfatiza que, como mulher, sempre teve que dar conta de sua vida pessoal, profissional e familiar, enfrentando o desafio de conciliar todas essas responsabilidades:

Célia Finck Brandt: *[...] minha dificuldade em ser professora foi e está, ainda, relativa ao fato de ser mulher. Porque eu, enquanto mulher, sempre tive que dar conta da minha vida pessoal, da minha vida profissional e da minha vida familiar. Eu tinha que dar conta de tudo! Mas apesar de que eu tive um excelente marido com o qual eu sou casada há 46 anos. Ele sempre me ajudou muito. Mas, sabe, eu vou te dizer assim que ele foi um ajudante, mas essa ajuda do homem ainda é caracterizada [...] por: “Ah eu estou te ajudando, e isso basta”, ela não era caracterizada como: “Ah, isso também eu tenho que fazer, porque é a minha casa, porque eu também sujo, porque é a minha família, porque são os meus filhos, e eu preciso fazer isso”. Sabe? Não é um sentido de dever. O da mulher é! [...] Então, se a obrigação da mulher é dar conta do lar, se ela quer trabalhar, ela tem que conciliar e o problema é dela! (In: Santi, 2021, p. 259).*

A narrativa dela revela a pressão adicional enfrentada pelas mulheres na tentativa de equilibrar suas múltiplas tarefas e papéis sociais. Destacamos as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no contexto educacional e como a sociedade impôs expectativas específicas às mulheres em relação ao seu papel de gênero. A narrativa de Célia evidencia ainda a pressão adicional ao tentar conciliar suas múltiplas tarefas e

papéis sociais. Destacamos os desafios enfrentados por mulheres no cenário educacional e como a sociedade impôs expectativas específicas em relação ao seu papel de gênero.

Além disso, Clélia nos comentou que, por um período, quando ela faria o doutorado, precisou se afastar um pouco desse movimento, porque ela ficou grávida de trigêmeos.

Clélia Maria Ignatius Nogueira: *Enquanto isso, a gente ia procurar fazer doutorado. Mas não tinha no Brasil. E ele se dispôs a conseguir contatos para que eu fosse fazer esse doutorado na Inglaterra, e eu toda animada. Mas o que acontece? Engravido! Fico grávida, completamente grávida, porque fiquei grávida de trigêmeos. E eu já tinha dois filhos. Antes de completar cinco anos de casada eu tinha cinco filhos. Quando o meu segundo filho tinha um ano e dez meses nasceram os trigêmeos. Então, nem pensar, eu não poderia ir. Quando eu estava só com os dois, ir para a Inglaterra era uma coisa até viável, com meu marido e eu, a gente ia. Mas isso enterrou o meu sonho naquele momento (In: Santi, 2021, p. 103).*

Esse episódio da vida de Clélia revela as complexidades enfrentadas por mulheres ao tentar conciliar suas carreiras acadêmicas com as demandas da vida pessoal, especialmente em uma sociedade que instituiu a ideia de feminino ligada aos papéis tradicionais de cuidado e maternidade. A experiência de Clélia reflete não apenas os desafios enfrentados pelas educadoras matemáticas, mas também lança luz sobre as barreiras estruturais que muitas mulheres ainda enfrentam na busca por suas realizações profissionais. A maternidade muitas vezes impõe obstáculos adicionais, como no caso de Clélia, onde suas aspirações acadêmicas tiveram que ser adiadas.

Percebemos que as narrativas de várias professoras também se desenvolvem no âmbito privado, no ambiente doméstico, uma esfera que historicamente foi considerada pouco politizada (Louro, 2000), embora a noção de profissão esteja associada à esfera pública. No caso das professoras, a profissão aproximava em grande medida a esfera pública da privada (Perrot, 2019). Nas narrativas, constatamos que os relatos das professoras revelam elementos frequentemente aceitos nas vidas das mulheres. Questões ligadas à família, casamento, filhos e tarefas domésticas compõem as narrativas das professoras, contudo, esses elementos são pouco debatidos. Diante dos relatos de professoras que fizeram pausas nos estudos ou no trabalho, consideramos que essas barreiras enfrentadas pela mulher na conciliação da profissão e do cuidado com os filhos reforçam uma ideia de feminino instituída socialmente.

Privilégios e desafios

A trajetória das educadoras é um reflexo das normas sociais preestabelecidas, como destacado por Neuza Bertoni Pinto:

Neuza Bertoni Pinto: *Ser professora não foi uma escolha pessoal. Não tínhamos muita opção, naquela época, filhas de família de classe média, em geral, eram direcionadas para fazer curso de professora. Era o que tinha para nós mulheres. Mas era um grau de formação muito valorizado na sociedade. Respeitava-se muito as professoras* (In: Santi, 2021, p. 211).

Neuza Bertoni descreve a realidade da época em que as mulheres de classe média, como ela, tinham poucas opções profissionais e eram frequentemente direcionadas para seguir a carreira de professora. Essa escolha não foi necessariamente uma opção pessoal, mas sim uma das poucas alternativas disponíveis. O contexto em que Neuza cresceu, sendo uma mulher branca de classe média, certamente proporcionou certo grau de privilégio e influenciou as opções disponíveis para ela e pode ter impactado a maneira como percorreu pelo campo da Educação Matemática. Essas questões nos ajudam a compreender mais profundamente as motivações por trás de suas *escolhas* e a examinar como as identidades de gênero e classe social podem interagir e moldar as trajetórias profissionais e as perspectivas de mulheres na Educação Matemática, contribuindo para uma compreensão mais completa e sensível das histórias individuais e coletivas.

Ettiène Cordeiro Guérios compartilha as suas experiências que, em um primeiro olhar, parecem contrastar com as discussões anteriores:

Ettiène Cordeiro Guérios: *Ser professora, dificuldades, profissão, ser mulher. Ah, ser mulher... Ah, eu sou mulher, ponto [risos]. Nunca, graças a Deus, tive problema profissionalmente. Nenhum problema. Nunca tive nenhuma dificuldade por ser mulher, tive por conta das minhas ideias, mas não por ser mulher [...] Eu acho que ser mulher não influenciou minha decisão pelo Magistério. Porque quando eu fazia matemática, eu já te contei, eu tentei fazer outras coisas, pensei na engenharia, tudo isso, mas eu me identifiquei muito com o magistério. Quando eu fui fazer o Magistério no segundo grau, eu poderia ter feito o Clássico ou Científico, Educação Familiar, mas foi uma escolha minha. E eu não tinha herança familiar de Magistério* (In: Santi, 2021, p. 196-197).

Ettiène Cordeiro Guérios relata que nunca teve problemas profissionais por ser mulher, mas sim por conta de suas ideias e princípios ideológicos. Ela destaca que a escolha pelo Magistério foi consciente e não influenciada pelo fato de ser mulher, pois teve outras oportunidades e buscou a profissão que mais a identificava. No entanto, ao analisarmos mais profundamente, percebemos que a afirmação de Ettiène não invalida a complexidade das relações entre a interseccionalidade das identidades de gênero, classe

social e ideologia. A afirmação de Ettiène também demonstra a complexidade das experiências individuais, e isso não anula a realidade de que muitas mulheres enfrentaram e ainda enfrentam desafios e discriminação em suas trajetórias, esses muitas vezes relacionados à sua cor, classe social ou etnia.

A escolha da profissão não é apenas uma questão de dimensão subjetiva, ela é carregada por produções discursivas sociais (Safiotti, 1976), daí a importância de identificar como elas se percebem como mulheres e como tais concepções dialogam com a docência e se elas se percebem dentro de um movimento patriarcal que, de certo modo, as direcionaram para essa escolha.

Neuza Bertoni Pinto descreve como algumas professoras que ela teve eram de classe alta, esposas de juizes e promotores, o que conferia a elas um status profissional diferenciado:

Neuza Bertoni Pinto: [...]eu me lembro de algumas professoras que tive no primário, eram pessoas de classe alta, esposas de juiz e promotor da cidade, andavam sempre muito bem vestidas. Pareciam ter um status profissional diferenciado. Mudou bastante, de lá para cá. Foi nos anos de 1960, seguintes ao ano que eu me formara que foram surgindo e intensificando as críticas a essa profissão que ia sofrendo grande desvalorização social. E aí é que começamos a perceber o tanto que a mulher era discriminada profissionalmente, em relação aos homens (In: Santi, 2021, p. 213).

Importante ressaltar o ponto mencionado pela professora Neuza, que destaca a inclusão inicial das primeiras mulheres no processo educacional, predominantemente pertencentes à elite, filhas de grandes fazendeiros e posteriormente de famílias burguesas. Conforme observa Safiotti (1976), somente quando foi vantajoso para o país estender a educação a toda a população, em busca de progresso e modernização, é que as mulheres das classes sociais mais baixas foram incorporadas aos planos educacionais. Contudo, as mulheres pretas e indígenas enfrentaram um atraso ainda maior no acesso à educação.

Neste texto que toma o gênero como categoria de análise, não nos referimos aqui a categoria mulher de modo universal. A maioria das educadoras que entrevistamos teve uma condição muito favorável para dar continuidade à sua formação e foram privilegiadas. Desse modo, elas estão na condição de Outro (sujeito) por serem mulheres. Mas notemos, por exemplo, que mulheres pretas, ou mulheres da comunidade LGBTQIAPN+, estão na condição de Outro por um sistema de opressão em interseccionalidade que é patriarcal, racista e capitalista (Akotirene, 2020), e o feminismo, por muitos anos, não levou em conta categoria de mulheres e de suas lutas e reivindicações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos testemunhos das educadoras matemáticas, pudemos perceber situações que talvez de outros modos não poderíamos. Com as narrativas orais, percebemos na história da Educação Matemática uma área com potencial para produzir transgressões, construir ou desconstruir ideias de feminino socialmente impostas. Entendemos que muitas foram privilegiadas por serem brancas e de classe média, mas, de todo modo, essas professoras subverteram sistemas e puderam ocupar espaços que não eram destinados a uma mulher. Mesmo nas salas de aula, um lugar feminizado, elas puderam transgredir regras por fazerem diferente daquilo que era imposto. Subverteram regras quando precisaram conciliar tão dificilmente a vida profissional e o cuidado dos filhos ou quando ocuparam espaços hierárquicos no ensino superior e foram imprescindíveis para a instituição de programas de pós-graduação em educação matemática no estado do Paraná. Essas mulheres inventaram e transgrediram uma ideia de feminino na área da Educação Matemática com relação a um ideário de professora que se era esperado e, ainda, desconstruíram essa ideia por meio de transgressões ao que era imposto.

Optamos muito mais do que apenas utilizar a História Oral e ouvir mulheres. Em conformidade com Albuquerque Júnior (2019) e Benjamin (1987), realiza-se uma escrita da história com uma intencionalidade e isso se constitui em um ato político. Entendemos que a escolha de um determinado público é um ato político, assim como a escolha metodológica. Romper com uma forma “tradicional” de pesquisa histórica e fazer desse estudo emergir discussões que não sejam apenas uma representação do que aconteceu, sem quaisquer problematizações, constitui um ato político.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**: feminismos plurais. Editora Jandaíra. São Paulo, 2020.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. História e política, ou a arte de fazer escolhas.

- Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 186-191, set.-dez. 2019.
- ARROYO, M. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BASSANEZI, C. Mulheres dos Anos Dourados. In: (Org.) PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- BEAUVOIR, S. de. de **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. Volume 1. Editora Nova Fronteira. 5ª edição. Tradução de Sérgio Milliet. Edição comemorativa de 70 anos. 2019.
- BENJAMIN, W. Teses sobre o conceito de história. In: Benjamin, W. **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense. (Magia e Técnica, Arte e Política, v. 1). 1987.
- BOLIVAR, A. B. ‘De nobis ipsis silemus?’: Epistemologia de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Eletrónica de Investigación Educativa**, vol. 11, n. 1. Barcelona, 2002. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1607-40412002000100003. Acesso em: 25 ago. 2023.
- CASTRO SIQUEIRA, G.; MARCOLINO, A. M.; SANTOS, A. O. dos. Mulheres transexuais e travestis negras: vulnerabilidade, preconceito e discriminação. **Debates em Sociologia**, v. 16, n. 52, p. 43-57, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.18800/debatesensociologia.202101.003>. Acesso em: 06 jul. 2023.
- DEMARTINI, Z. de B. F.; ANTUNES, F. F. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, Fundação Carlos Chagas/Cortez, nº 86, agosto de 1993, pp.5-14.
- GARNICA, A.V. M. Um ensaio sobre as concepções de professores de Matemática: possibilidades metodológicas e um exercício de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n.3, p. 495-510, set./dez. 2008.
- GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. da. Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regimes de historicidade e História Oral. **Bolema**. Rio Claro, p. 213-250. 2011. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/5745>. Acesso em: 06 jul. 2023.
- GOMES FILHO, A. S.; SILVA, L. M. Questões de gênero e sexualidade na educação brasileira. **Educationis**, v.9, n.1, p.8-16, 2021.
- GUARDIA, S. B. Historia de las mujeres: un derecho conquistado. In: GUARDIA, Sara Beatriz. (org.). **La escritura da história de las mujeres en la América Latina: el retorno de las diosas**. 1ªed. Lima: CEMHAL. 2005.
- GUSE, H. B.; ESQUINCALHA, A. C. Por uma Educação Matemática Desviante das (Cis-hetero) normas: o que dizem as pesquisas envolvendo pessoas LGBTI+?. **Bolema**, Rio Claro (SP), v.36, n.74, p.944-970, dez. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bolema/a/gpNsVNbCWFB9R5JWMMVHsvG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 jul. 2023.

- LOURO, G. L. Gênero, história e educação: Construção e desconstrução. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132. 1995.
- LOURO, G. L. Mulheres na Sala de aula. In: (Org.) PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- NETO, V.; SILVA, M. Gênero como um problema nos livros didáticos de matemática: manual prático de como ser menina/mulher. **Acta Scientiae**. Canoas, 23(8), 191-2221, Aug. 2021. Disponível em: <http://funes.uniandes.edu.co/26122/1/Neto2021Genero.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2023.
- PEDRO, J. M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História** [online]. vol.24, n.1. 2005.
- PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 270-283, 2011.
- PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2019.
- PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010
- PORTELLI, A. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- PORTELLI, A. **Tentando aprender um pouquinho**: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Proj. História, São Paulo, (15) abr. 1997.
- TEDESCHI, L. A. Os lugares da História Oral e da Memória nos Estudos de Gênero. **OPIS**, Catalão, Vol. 15, Nº 2, p. 330-343, 2015.
- SAFIOTTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. Editora Vozes, Rio de Janeiro. 1976.
- SALVATICI, S. Memórias de Gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. **História Oral**, Vol. 8, Nº 1, p. 29-42, jan.-jun. 2005.
- SANTI, T. A. de. **Narrativas de vida de educadoras matemáticas paranaenses**: marcas de gênero em um diário de uma feminista. 2021. 382 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2021.
- SCOTT, J. W. **Gênero y História**. México: FCE, Universidad Autonoma de la Ciudad de México. 2008.
- SCOTT, J. W. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. n. 2, p. 71-99. 1995.
- SOUZA, M. C. R. F. de; FONSECA, M. C. F. R. **Relações de Gênero, Educação Matemática e Discurso**: Enunciados sobre mulheres, homens e matemática. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 159 p.
- WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

